

Da Bancada À Sala De Aula: uma reflexão autobiográfica sobre as influências e o desenvolvimento da formação docente inicial na licenciatura em ciências biológicas

Alane Micarela Pereira Barbosa ¹

Maria Danielle Araujo Mota ²

RESUMO

A formação de um docente envolve, para além dos conteúdos acadêmicos, profundas transformações pessoais que moldam o profissional ao longo de sua trajetória. Ao ingressar na Licenciatura em Ciências Biológicas, em uma Universidade Federal localizada no Nordeste do Brasil, minha aspiração inicial era seguir carreira laboratorial, influenciada por minha formação técnica em Análises Clínicas. O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar uma reflexão autobiográfica sobre a mudança de perspectiva profissional vivenciada ao longo da graduação, destacando o processo de descoberta e afirmação da identidade docente em construção. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter autobiográfico, fundamentada nas minhas vivências pessoais, na qual descrevo e analiso os principais elementos que marcaram essa transformação, como as atividades de extensão voltadas à educação ambiental e a influência específica de três professores de diferentes áreas do Ensino e da Biologia. Suas atuações inspiradoras foram fundamentais para que eu me reconhecesse na docência e decidisse seguir por esse caminho, que hoje se concretiza por meio da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Ao longo dos primeiros semestres da graduação, minha trajetória acadêmica passou por uma profunda resignificação, despertando em mim o interesse genuíno pela educação. Ainda que a profissão docente no Brasil enfrente inúmeros desafios, as experiências vivenciadas no contexto da formação inicial têm fortalecido meu compromisso com o ensino. Pois compreendo, hoje, que ser professora vai muito além de transmitir conteúdos, é contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e do protagonismo dos estudantes numa sociedade que é sobretudo, deles e para eles.

Palavras-chave: Prática Docente, Reflexão, Iniciação à docência, Biologia

INTRODUÇÃO

Iniciar este relato de experiência é, de certa forma, revisitar os caminhos que me trouxeram até aqui é trazer à memória uma época despreocupada (em comparação às responsabilidades da vida adulta), repleta de sonhos, desejos e uma enorme força de vontade de ir (partir, buscar, descobrir novos rumos), mesmo sem saber onde ancorar e, muito menos, onde as escolhas que fiz durante a vida me fariam chegar. Dessa forma, decidi iniciar este texto

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, alane.micarela@ufrpe.br;

² Doutora em Ensino pela Universidade Federal do Ceará - UFC, profadaniellearaujo@gmail.com.

^{1 2 3} Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



apresentando-me. Assim, creio que, eu e você, construiremos um vínculo, ao qual, por conseguinte o fará compreender os motivos que me fizeram chegar até aqui.

Iniciemos com a vida da que vos fala, no período do Ensino Médio, onde sonhos e incertezas sobre o futuro permeavam minha mente, exceto a certeza que sempre se fez o estudo da Biologia. E, assim, após concluir o Ensino Médio (EM), fiz o Sistema Seriado de Avaliação (SSA) da Universidade de Pernambuco (UPE), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a prova da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e para cada universidade coloquei um curso, diante da dúvida entre os cursos de Enfermagem, Biomedicina e Biologia.

Fui aprovada no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas na Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST, pelo SISU em 2013, no entanto, por não ter condições financeiras de me manter em uma nova cidade até conseguir uma vaga na residência estudantil, acabei por não cursar naquela época. Segui, então, para o mercado de trabalho, onde atuei como auxiliar de farmácia hospitalar no bloco cirúrgico.

Permaneci nessa função por um período considerável, até que decidi me aprofundar na área da saúde por meio do curso técnico em Análises Clínicas, o qual me deixava bem próximo ao curso de biomedicina que um dia pensei em fazer. Aproveitei o curso para conhecer mais a fundo a área, já que o emprego como auxiliar de farmácia hospitalar me forneceu contato e conhecimento das atribuições da área da enfermagem e, pude perceber que, apesar de ser uma nobre e essencial função para promoção da saúde, ainda não era ali que eu me encontraria enquanto profissional.

Entretanto, no espaço laboratorial, em meio a inúmeras amostras biológicas que me contavam a cada realização de exame várias possíveis histórias, encontrei muita satisfação. Essa profissão alimentou em mim o desejo de continuar os estudos ao nível superior. Entretanto você pode questionar: se o seu desejo era Análises Clínicas, como chegou até aqui? Permita-me explicar esse momento mais à frente.

Com o latente desejo de cursar uma Universidade Pública, fiz o ENEM (2012) e me inscrevi no SISU, onde sabia que para atuar na área laboratorial eu poderia fazer o curso de Farmácia (o qual, não me identifico, apesar de ter sido auxiliar de farmácia por anos), Biomedicina ou Biologia. Analisando a distância da minha residência para as universidades com os cursos ofertados em minha área de interesse, me inscrevi para o curso de Ciências

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



Biológicas na universidade mais próxima. Entretanto, tal qual foi minha grande surpresa, ao observar que para o Bacharelado não havia turno noturno.

Todavia, não poderia deixar essa oportunidade passar. Assim, optei pela Licenciatura em Ciências Biológicas, almejando ao final desta migrar para o Bacharelado. Como muitas vezes pregamos peças em nós mesmos, não concorda? Foi assim que ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, em uma Universidade Pública do Nordeste brasileiro e, iniciei um processo de transformação acadêmica e própria que, consequentemente, redefiniu por completo meu percurso profissional e pessoal.

Inicialmente, participei do Programa de Atividades de Vivência Interdisciplinar (PAVI) com a professora doutora Rouxinol¹ (guarde esse nome, pois em breve retomaremos a falar sobre ele), no Departamento de Fisiologia e Morfologia Animal - DFMA. Neste tive a oportunidade de observar a captação de órgãos reprodutivos masculinos e femininos, bem como ser a responsável por catalogá-los e armazená-los. Uma rica experiência que me remetia ao meu trabalho em Análises Clínicas.

Enquanto estudante do período noturno, cumpria as atividades do PAVI e continuava na minha profissão como técnica em Análises Clínicas. Realizava, desde a coleta de materiais biológicos até o processamento de exames, tendo contato direto com pacientes que viviam em situação de vulnerabilidade social. Vivência esta que marcou-me profundamente.

Presenciei pacientes que, por falta de informação, não compreendiam a necessidade de prevenção de doenças e se expunham a novos contágios mesmo após o tratamento de uma infecção sexualmente transmissível (IST), assim como gestantes que desconheciam os riscos de transmissão vertical, crianças adoecendo por ausência de cuidados básicos de saúde e adolescentes sem acesso a orientações claras sobre formas de prevenção, contracepção e autocuidado.

Percebi, então, que muitas daquelas situações não se explicavam apenas pela limitação do acesso à saúde, as condições de vulnerabilidade da comunidade, mas sobretudo pela ausência de Educação em Saúde (ES). Por mais que eu buscasse orientar cada paciente individualmente, sempre me questionava sobre o que poderia fazer a mais para impactar aquelas realidades de forma mais ampla e transformadora.

A partir desse momento uma chavezinha dentro mim girou. Em meio a uma discussão em sala sobre possíveis temas para os trabalhos da disciplina de Projeto Temático Integrador

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



II, o qual fiquei responsável por realizar uma revisão bibliográfica sobre artigos sob a temática de Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs), conclui que não preciso estar em uma bancada para ser ouvida e levar informações importantes e cruciais sobre doenças, prevenção e cuidados com a saúde.

O que mais ansiava naquele momento era fazer o que estava ao meu alcance para que os pacientes tivessem acesso à informação. Notei em meu convívio com eles que em algumas escolas realizam há abordagem sobre patógenos de forma descontextualizada, resultando cada vez mais em novas gerações com lacunas no conhecimento o que reverbera nas formas de prevenção que deveriam ser aplicadas ao dia a dia dessas pessoas, tendo em vista que o adulto de hoje foi a criança e o jovem de outrora.

Logo, diante do exposto, a experiência técnica no campo laboratorial foi essencial para o amadurecimento da minha compreensão sobre o papel social do conhecimento científico. Ter o contato direto e diário com as implicações da falta de informação despertou em mim a compreensão de que a educação atua como elo entre a ciência e a vida cotidiana. Nesse sentido, passo a reconhecer, conforme destaca Chassot (2014), que “a cidadania só pode ser exercida plenamente se o cidadão ou cidadã tiver acesso ao conhecimento (e isso não significa apenas informações) e aos educadores cabem então fazer esta educação científica” (Chassot, 2014, p. 74).

Desse modo, por meio deste relato de experiência, como prometido inicialmente, objetivo apresentar uma reflexão autobiográfica sobre a transformação da minha perspectiva profissional ao longo da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, analisando os fatores que contribuíram para ressignificar minha relação com a educação, desde a inicial rejeição à sala de aula até a decisão de tornar-me professora.

METODOLOGIA

A escolha metodológica que assumo neste relato de experiência fundamenta-se na abordagem qualitativa, pois entendo que ela possibilita apreender significados, sentidos e processos subjetivos que atravessam a constituição identitária do professor. Tendo em vista que as abordagens “(auto)biográficas” em educação, desde os anos 1980, têm se mostrado um caminho potente para compreender como as “escritas de si” contribuem na constituição da subjetividade e nos processos de formação humana e profissional (Lira; Passeggi, 2020).

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



Ao olhar para minha trajetória, percebo como a escrita autobiográfica em especial para este relato a escrita “autobiográfica” na educação, me oferta o convite ao autoquestionamento, como descrito por Lyle (2018) é um momento de revisitar percursos e a situar este autoestudo dentro dos diversos contextos em que vivi, aprendi e ensinei. É nesse movimento que encontro espaço para reconhecer como a formação acadêmica e os elementos da vida pessoal moldaram minha visão sobre o papel do professor e qual eu almejo ser.

Nesse sentido, a perspectiva “autobiográfica” é a essência deste relato, já que é a minha própria experiência que se torna fonte de análise e interpretação. A rememoração e a reflexão crítica sobre meu percurso formativo transformam-se em ferramentas para compreender as mudanças de perspectiva em relação à docência. Relembrar esse caminho me permite enxergar como os aspectos pessoais e acadêmicos se entrelaçaram e, por vezes, se tensionaram, até que eu pudesse ressignificar minha opção pela docência.

Parto, então, da compreensão de que relatar experiências de mudança de perspectiva num todo, é relevante para que os leitores, possam refletir e pensar nos processos de construção da identidade docente, pelo olhar da que vos escreve e assim encontrar-se em meios a certezas e inseguranças que permeiam todo o percurso.

Ponto isso especialmente para os que possuem uma formação prévia e, que por vezes se direcionam a outras áreas. Pois reconhecer que esse “desencontro/mudança de rumo” faz parte da minha história e relatos como este podem dialogar com as histórias de outros docentes que, assim como eu, em algum momento se viram diante de escolhas muito aquém da sala de aula.

Este relato jamais pode seguir seu rumo sem deixar de destacar, o papel genuíno do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que se trata de uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, cuja finalidade é fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de professores em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira (CAPES, 2024). O qual tem-me proporcionado uma oportunidade transformadora, que atravessa minha trajetória formativa e me permite vislumbrar à docência de forma mais motivada e crítica.

Assim, os três eixos norteadores da análise e a organização desta escrita, são: As atividades realizadas na extensão que redimensionaram minha visão da educação,

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



especialmente em educação ambiental; a influência pontual de três professoras cujas práticas pedagógicas me inspiraram; minha atual vivência no PIBID, a qual compreende-se como espaço de consolidação dessa trajetória sendo este um campo privilegiado de aprendizado, reflexão e prática. Esses eixos me fazem rememorar o que foi compartilhado por Nascimento e Torres (2024), que a docência é uma arte que se aperfeiçoa com a experiência, a pesquisa e o diálogo constante com as inovações no campo educacional.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO FORMATIVO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Se a pesquisa e o ensino oferecem aos estudantes as bases teóricas e metodológicas, a extensão constitui o espaço que os coloca em diálogo com a comunidade, permitindo que os conhecimentos acadêmicos sejam socializados. Tendo em vista que, “a extensão universitária associada ao ensino e à pesquisa pode ser grande contribuinte na formação dos estudantes de modo geral e na constituição da identidade profissional do licenciando em particular, pois agrega saberes e práticas que são fundamentais para o educador” (Lopes; Costa, 2016, p. 2).

Neste cenário, participar de projetos de extensão significou vivenciar a universidade de maneira mais humana e integral. Evidenciando que o conhecimento científico ganha sentido quando colocado a serviço da comunidade, dialogando com a realidade e as demandas concretas das pessoas, permitindo que os conhecimentos acadêmicos sejam compartilhados com a comunidade.

Minha participação na Jornada do Dia da Terra 2024 representou uma experiência marcante, pois evidenciou o caráter transformador e coletivo da educação ambiental. Ao interagir com estudantes, professores da rede básica, membros da sociedade civil e povos tradicionais, pude perceber como a interdisciplinaridade entre as licenciaturas favorece, de maneira prática, a construção de uma sensibilização crítica e o fortalecimento do compromisso ético com o meio ambiente. Reforçando a convicção de que a educação ambiental deve estar cada vez mais presente nas salas de aula, integrando-se ao processo formativo dos futuros cidadãos.

Nesse sentido, torna-se urgente reconhecer que “vivemos um momento crítico para a humanidade, com o aprofundamento dos desequilíbrios de nossos ecossistemas. Fenômenos como as mudanças climáticas, catástrofes ambientais, endemias e pandemias têm crescido e impactado nossas vidas de modo assustador” (Barbosa et al., 2024).

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



PROFESSORAS INSPIRADORAS

Nessa nova seção, gostaria de iniciar descrevendo a influência pontual de três ilustres professoras que tive o prazer, o privilégio de conhecer, fazer parte de suas salas de aula e aprender com cada uma delas. Destaco-as com o desejo de que, assim como me inspiraram, assim façam a todos que essas páginas alcançarem. São mulheres inteligentes, e competentes que se destacam dentro de suas individualidades, desenvolvendo suas carreiras em distintos campos da educação.

Entretanto, antes de apresentar essas três professoras, se faz necessário mencionar uma experiência diferente. Durante minha trajetória na educação básica, tive um professor de Ciências e Biologia que, inspirou-me, a não ser como ele. Pois era um docente que constrangia os estudantes pelas perguntas que lhe faziam e visivelmente incomodava-se quando as respostas de seus questionamentos não alcançavam suas expectativas. Faço esse adendo para destacar que, mesmo diante de profissionais que não foram exemplos positivos, a chama da Biologia permaneceu acesa em minha história.

Isso revela que, ao longo da vida, encontraremos pessoas que atuam na área que amamos, mas que não serão inspiradoras ou motivadoras. Porém, ainda assim, é possível darmos o nosso melhor, por isso, reafirmo que se faz necessário valorizar aqueles que marcam positivamente nossa caminhada.

Com esse pensamento, sigamos destacando a primeira professora, a doutora Rouxinol¹, professora de histologia que conheci logo ao ingressar na universidade, uma mulher acolhedora, que sempre traz os estudantes para si, oferecendo oportunidades de trabalhar na extensão Universitária, estimulando a participar em projetos e sempre disposta a os estudantes, tratando a todos com cordialidade, empatia e realizando atividades formativas práticas.

A segunda docente, Gracilaria², doutora em Fisiologia Vegetal, oportunizou-me de conhecer e sentir o desejo de aprofundar-me sobre a temática das algas. Fui surpreendida positivamente ao chegar em sala e ver a mulher que mudaria meu olhar para esses organismos fotossintetizantes. Uma palavra para resumi-la é paixão, a cada discurso proferido o brilho nos seus olhos era notório e, o que me deixou mais encantada, foi ao trazer os referenciais teóricos da disciplina e a apresentar-nos os autores e suas trajetórias como fonte de inspiração.

Dedicou-se a nos ensinar o passo a passo de como escrever artigos, os trabalhos que ela queria para disciplina, perguntando em todas as aulas como estava o andamento deles, quais

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



eram as dúvidas, como podia nos auxiliares, deixando o laboratório de portas abertas bem com seus estagiários, para o que precisássemos.

Por fim, e não menos importante, a professora doutora Borboleta³. Uma mulher que chegou na minha vida e, nela me vi um pouco refletida, quanto a determinação, exigência e empatia. A docência está em seu DNA, seu ar é amor ao ensino, em seu coração a cada sístole e diástole ecoa a afeição ao ensino por investigação. Esta é uma formadora de professores que dá o seu melhor todos os dias seus discentes, nos ensinando sempre como sermos professores excepcionais, não só no falar, mas em seu fazer docente, pois o melhor ensino vem a partir do exemplo.

O PIBID COMO ESPAÇO DE CONSOLIDAÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE

No início da minha vida acadêmica, como supracitado, à docência não esteve entre minhas escolhas. As dificuldades históricas enfrentadas pelos professores no Brasil, como a desvalorização da carreira, os baixos salários e, por vezes, a sobrecarga de trabalho, que por anos acompanhei minhas tias terem, sempre me fizeram acreditar que esse não era o caminho gostaria de seguir.

Entretanto, minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), veio para reafirmar a docência como meu lugar de pertencimento. Deparando-me com um espaço de formação que aproxima a Universidade da Escola, colocando-me diante de experiências reais da prática docente. Gradativamente, de forma comprometida, contemplei a educação com um novo olhar, fechando os ouvidos para os que só pontuam os obstáculos da profissão e fixando o olhar para a possibilidade de fazer diferença na vida de outras pessoas, de mediar aprendizagens e de despertar nos estudantes a mesma curiosidade que sempre me instigou em relação a Biologia.

Nesse sentido, compreendi que “possibilitar um Ensino de Biologia que atenda às demandas sociais e proporcione uma visão integral das Ciências Biológicas pode não ser uma tarefa fácil. Contudo, o professor pode dispor de uma prática pedagógica que permita a aproximação da disciplina com a Ciência de referência, levando em consideração as possibilidades para dialogar com realidade dos sujeitos” (SANTANA; MOTA, 2022, p. 451).

Essa perspectiva ficou mais clara a partir do momento em que, no PIBID, pude relacionar os saberes acadêmicos com as demandas reais da escola básica, exercitando um olhar crítico e sensível às realidades dos estudantes, pois o programa e o subprojeto Biologia, “traz a

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



intenção de articular as atividades com os saberes constituídos ao longo do curso de licenciatura, alinhados com os dispositivos curriculares da Educação Básica, referenciais teóricos que discutem a formação de professores para as Ciências da Natureza e os pressupostos teóricos para a Educação em Ciências” (Rodrigues; Mota; Santana, 2024, p. 457).

Proporcionando reflexões sobre minha própria trajetória que aqui se articulam em formato autobiográfico. Afinal, “as autobiografias podem ser compreendidas como textos que permitem várias possibilidades de formação, pela relação que se estabelece entre os processos de autobiografização e heterobiografização” (LIRA; PASSEGGI, 2020, p. 8). A convivência com colegas, supervisores e estudantes tornou-se um campo fértil de experiências compartilhadas, pois de acordo com Lira e Passeggi (2020), as experiências com os outros são fundamentais na tarefa de construir as próprias experiências.

A caminhada da aprendizagem que realizei no PIBID só foi possível porque envolveu cognição, emoção e um projeto pessoal em construção, já que “a caminhada da aprendizagem se efetiva de modo ideal pela conjunção entre cognição e emoção, entre a vontade e a constituição de um projeto pessoal, que se desdobra em um fazer ou vários fazeres” (LIRA; PASSEGGI, 2020, p. 8). Assim, percebo que minha formação inicial não se restringe à racionalidade acadêmica, mas também envolve afetos, vínculos e significados.

Por isso, reconheço que minha escrita aqui não se limita a um relato de experiência, mas, também, como um recurso formativo. Como afirmam Nascimento e Torres (2024), a autobiografia transcende a mera autoexpressão, assumindo um papel significativo como recurso educativo. Ao narrar minhas experiências no PIBID, reafirmo que essa vivência é um divisor definitivo de águas em minha trajetória, permitindo que eu me descobrisse e reconhecesse, como futura professora de Ciência/Biologia.

RESUTADOS E DISCUSSÃO

A escolha pela docência surgiu como um desdobramento natural da imersão na graduação, ensinar passou a significar compartilhar saberes que ultrapassam o laboratório e mudam histórias. Afinal, como também discorre Chassot, “somos nós que ajudamos a escrever a história a cada dia e por isso temos responsabilidades para com o nosso passado, que se pretende pretensiosamente reescrever buscando um novo marco zero” (Chassot, 2014, p. 86).

Diante desta mesma lente, observa-se que “é no Ensino Médio e no Ensino Fundamental o *locus* para a realização de uma alfabetização científica” (Chassot 2014, p. 69). O que inclui

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



temas relacionados a educação em saúde. Logo, enquanto professora, levar às minhas salas de aula o ensino sobre ISTs, possibilita aos estudantes relacionarem o conhecimento teórico com suas vivências, com o intuito de promover o autocuidado e preservação.

Alcançando a compreensão de que devo ser um dos pilares fundamentais para fortalecer a educação e, que para isso, devo dedicar-me integralmente à minha formação docente, vendo-a como um pilar fundamental para a qualidade da educação, uma vez que o meu papel em sala de aula perpassa a transposição do conteúdo didático e envolve a construção de práticas pedagógicas críticas, reflexivas e socialmente comprometidas, incentivando “o pensamento crítico e complexo, entendendo os processos de mudanças paradigmáticas, das anomalias e das crises em que as ciências invariavelmente se encontram ao longo da história” (Junior; Lorenzetti, 2025, p.263).

Embora nutra, um profundo sentimento pela área técnica, acredito que posso impactar profundamente a realidade de muitos jovens em sala de aula, auxiliando-os não apenas na sua formação crítica, mas, também ensinando-os sobre cuidados com a saúde. Haja vista que, ainda encontramos nas salas de aula um ensino em saúde clínico e reducionista, “[...] que pouco contribuem com os processos de ensino e de aprendizagem das ciências em contexto escolar, objetivo maior da educação em ciências desenvolvida na escola.” (Junior; Lorenzetti. 2025, p. 343).

Acredito que tal escolha impactará profundamente as futuras gerações, pois ao longo dos próximos anos quando meus colegas analistas estiverem realizando exames, poderão enxergar, nem que seja por uma pequena fresta, uma linha discreta de mudança nesse cenário. Pois, “a nossa responsabilidade maior no ensinar ciência é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos, em homens e mulheres mais críticos. Sonhamos que, com o nosso fazer educação, os estudantes possam tornar-se agentes de transformações - para melhor- do mundo em que vivemos” (Chassot, 2014, p. 55).

Por isso que Bezerra e Bezerra (2020), destacam que a formação docente é construída antes e durante o percurso profissional do professor e também, no meio social, haja vista que na “escola que se constitui um espaço que promove o desenvolvimento do pensamento crítico e político, na medida em que se constroem valores, crenças, conceitos e maneiras de ver e enfrentar o mundo” (Metelski, *et al* 2024. p. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



Se o PIBID me possibilitou vivenciar a prática pedagógica, compreender e imergir na realidade do ensino básico público, as professoras Doutora Rouxinol¹, doutora Gracilaria² e doutora Borboleta³ marcaram meu percurso acadêmico mostrando-me, por meio de seus exemplos, que é possível fazer da educação um espaço de afeto, seriedade, paixão e pesquisa.

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



Assim levo para minha prática docente, a importância do olhar para o ensino de forma crítica, reflexiva e sensível diante das distintas realidades em minhas salas de aula, reconhecendo que o ato de ensinar e ser professor é viver em um contínuo ciclo de aprendizados multidirecionais com contratuais trocas com nossos pares e nossas estudantes diante do compartilhamento de experiências vividas. Logo, este relato de experiência me faz revisitar minhas concepções sobre o papel do professor, enxergando o nosso papel social enquanto estimuladores do desenvolvimento de uma mentalidade crítico-social participativa de nossos educandos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida pelas oportunidades que me permitiram chegar até aqui. À minha família, pelo amor, cuidado e orações constantes, especialmente a minha mãe/avô e às minhas tias Ábia, Ada e Araújo, pelo apoio incondicional. Sou grata a coordenadora, professora Dra. Maria Danielle Araújo Mota, pelas orientações, incentivo e confiança em meu potencial. Estendo meus agradecimentos aos meus companheiros do PIBID, que tornam a caminhada mais leve e produtiva. Por fim, agradeço a CAPES pelo fomento ao PIBID, programa essencial à minha formação docente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. P.; LIRA, E. S. V. de; BURGOS, F. R. N. F.; SILVA, H. P. R. da; COSTA, L. C. C. da; SOUZA, M. R. F. M. de. **Comunicação descentralizada para promoção da jornada Dia da Terra**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 10., 2024, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2024.

BEZERRA, A. L. N.; BEZERRA, S.S.. **A construção da identidade docente e a formação profissional**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67531>>. Acesso em: Agosto, 2025.

CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 23 set. 2025.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 6. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação**. *Educar em Revista*, v. 37, e75688, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/5VYWN6BvgZcC5FWPgscT8jC/>. Acesso em: 3 set. 2025.

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.



LYLE, Ellyne. **Possible selves: restor(y)ring wholeness through autobiographical writing.** *Learning Landscapes*, Quebec, Canadá, v. 11, n. 2, p. 257-269, 2018. Disponível em: <https://www.learninglandscapes.ca/index.php/learnland/article/view/961>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LOPES, Edvania Portilho; COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. **Contribuições da extensão universitária à formação docente.** In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ENEM (XII), 2016, São Paulo. Anais do ENEM 2016: Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades. São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, julho 2016. Disponível em: https://sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/5574_2591_ID.pdf. Acesso em: 3 set. 2025.

MAGALHÃES JÚNIOR, C. A, de O.; LORENZETTI, L. **Aspectos metodológicos e analíticos da pesquisa em educação em ciências e matemática.** Educação em Saúde: fundamentos, caminhos e estratégias da pesquisa em Educação em Ciências. 2025.

METELSKI, F. K. *et al.*. **Práticas educativas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis à luz do pensamento complexo.** Saúde em Debate, v. 49, n. 144, p. e9290, jan. 2025.

NASCIMENTO, V. N. Do; Torres, M. N. B. F.. **A construção da identidade docente: reflexões autobiográficas sobre a formação em pedagogia.** Anais do X CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/112081>>. Agosto, 2025.

RODRIGUES A. da S., MOTA, M. D. A., SANTANA, A. J. S. **Dormi aluno, acordei professor de professor: um relato de experiência de um processo formativo proporcionado pelo PIBID por uma ótica multidimensional.** Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, [S. l.], v. 17, n. nesp.1, p. 449–465, 2024. DOI: 10.46667/renbio.v17inesp.1.1547. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/1547>. Acesso em: 8 set. 2025.

SANTANA, A. J. S.; MOTA, M. D. A.. **Natureza da Biologia, ensino por investigação e alfabetização científica: uma revisão sistemática.** Revista Educar Mais, v. 6, p. 450-466, 2022.

^{1 2 3}Os nomes utilizados neste relato são fictícios, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das pessoas envolvidas.

